

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT-13
(PRESENCIAL): ALÉM DE UMUÓFIA: POESIA E NARRATIVA AFRICANA E
AFRODESCENDENTE DE LÍNGUA INGLESA NA CONTEMPORANEIDADE

**VOZES SUFOCADAS: DOR E TRAUMA EM UNDER THE TONGUE, DE
YVONNE VERA E LEILA, DE TINO FREITAS**

Sheila Dias Da Silva (sheilasilvaufmt@gmail.com)

Objetiva-se com esta pesquisa traçar uma comparação entre a obra *Under the Tongue* (1996) da escritora zimbabuense Yvonne Vera e o livro infantil/infanto-juvenil *Leila* (2019) do escritor brasileiro Tino Freitas. O tema central de ambas as obras é o abuso sexual, apresentado como uma experiência traumática que impõe silêncio, fragmenta a memória e transforma o corpo feminino/infantil num espaço vulnerável marcado pela violência e pela luta por resistência. Apesar de pertencerem a universos literários distintos, uma narrativa pós-colonial africana e um texto voltado para o leitor infantil/infanto-juvenil, elas convergem ao representar o trauma endógeno, Zhizha, personagem de *Under the tongue*, sofre violência dentro da própria família, enquanto Leila é abusada por um vizinho-polvo. O problema de pesquisa centra-se em compreender como esse trauma inominável se manifesta na linguagem e na memória das personagens, exigindo um movimento de rememoração para que a voz possa emergir e se reinscrever no espaço social. O objetivo principal é analisar de que modo cada autor reelabora esteticamente a dor, revelando diferentes estratégias narrativas para abordar a violência sexual. Em Vera, a reconstrução da fala de Zhizha implica revisitar a violência paterna e reinscrever o corpo como território marcado por colonialidade e patriarcado, numa prosa poética que transforma o

horror em lirismo e coloca a memória como força vital. Já na obra de Freitas, a história da baleia silenciada, expõe, de modo acessível e potente, a urgência de romper o segredo que perpetua o abuso infantil, mobilizando uma alegoria que permite ao leitor criança reconhecer a necessidade de denunciar situações de violência. Embora apresentem enfoques e públicos distintos, ambas as obras evidenciam que narrar o trauma é condição essencial para interromper o ciclo da violência, elaborar a dor e reinscrever o indivíduo na comunidade, reafirmando o papel da literatura como espaço de denúncia, cura simbólica e resistência ao silêncio patriarcal. A fundamentação teórica apoia-se na teoria do trauma de Caruth (1996), LaCapra (2001), Butler (2004) e em outros teóricos pós-coloniais e decoloniais, que contribuem para compreender a complexidade da memória traumática e o papel transformador da linguagem na reconstrução subjetiva das vítimas.

Palavras-chave: trauma; silêncio; resistência; literatura africana; literatura infantil/infanto-juvenil.